

CORAÇÃO, OLHAR E ATITUDE: O CAMINHO DA HUMILDADE NO SALMO 131

Raul Cesar Sindlinger⁴²

Resumo

O Salmo 131 é um cântico de confiança que enfatiza a humildade, o domínio próprio e a entrega total a Deus. Este paper analisa o primeiro versículo desse breve, mas profundo salmo, no qual o autor declara não ser soberbo, expressando sua humildade perante Deus em três dimensões: no seu coração que não é soberbo, no seu olhar que não é altivo em relação aos que estão à volta e em sua atitude em relação às grandes coisas do mundo, as quais o autor afirma não procurar. Busca-se através deste trabalho refletir sobre a aplicação desta declaração ao contexto contemporâneo. Por meio de uma análise bibliográfica e da análise hermenêutica texto, fazendo também conexões com o contexto do Novo Testamento, o estudo demonstra como a declaração da ausência de soberba pode conduzir uma pessoa à verdadeira humildade, por ser uma afirmação da verdadeira identidade daquele que crê, expressa nas Escrituras Sagradas, seguindo a atitude do salmista.

Palavras-chave: Salmos; Humildade; Salmos; Humildade; Soberba; Davi

INTRODUÇÃO

O salmo 131 é um dos menores dos salmos da Bíblia, mas ao avaliar sua profundidade, ele deveria ser colocado na lista dos maiores. Trata-se de uma oração íntima, um desabafo diante de Deus e um juramento de confiança, colocando a alma em posição de perfeita humildade e descanso.

No primeiro versículo, que será o objeto desta pesquisa, o salmista afirma: “Senhor, não é soberbo o meu coração, nem altivo o meu olhar; não ando à procura de grandes coisas, nem de coisas maravilhosas demais para mim” (SL 131.1-3). Ele faz uma autoavaliação, de dentro para fora, começando com o coração, passando para o olhar e chegando às suas atitudes, eliminando toda a soberba, altivez e ambição egoísta, antes de submeter e aquietar sua alma para confiar e depender completamente de Deus.

Pretende-se através desse paper fazer a análise hermenêutica do primeiro versículo do Salmo 131 de forma que se obtenham aplicações relevantes para o leitor no contexto dos dias atuais. A questão que vêm à mente daquele que lê esta antiga poesia hebraica com os olhos da atualidade, e que será endereçada neste trabalho é:

⁴² Mestrando em Teologia pela FABAPAR, Especialista em Gestão de Projetos, Graduado em Teologia e Engenharia Civil. ORCID: 0009-0000-8903-4108. E-mail: raulsindlinger@live.com

“Faz sentido uma pessoa declarar, como o salmista, que não é soberba, nem altiva e nem tem ambição egoísta, ou a declaração por si mesma já seria falta de humildade?”. Para que essa questão possa ser respondida, trazendo uma aplicação prática ao final deste trabalho, o texto será analisado à luz do seu contexto histórico e literário.

1. AUTORIA E CONTEXTO DA COMPOSIÇÃO

Embora não haja consenso, a autoria do salmo é atribuída a Davi pela maioria dos comentaristas. Davidson afirma que “não existe motivo pelo qual a autoria Davídica seja posta em dúvida, ainda que seja impossível associar definidamente este Salmo com qualquer episódio de sua vida.” (Davidson, 1979, p.612). Davidson propõe que a motivação da composição do salmo pode refletir sua reação ao comentário brusco de seu irmão por seu interesse nas questões a batalha antes do episódio com o gigante Golias (1 Sm 17).

Para Henry (1706, p. 131) esse salmo é a profissão de humildade, feita com gratidão a Deus por sua glória. Henry propõe como bastante provável que Davi tenha feito este protesto em resposta às calúnias de Saul, que considerava Davi como um homem ambicioso e aspirante, que, sob o pretexto de uma nomeação divina, buscava o reino, no orgulho de seu coração. E ainda Bullock (2023, p. 386) mostra que poderia ser associado à reação de Davi quando sua esposa Mical questiona seu comportamento quando a arca chegou a Jerusalém (2 Sm 6.21,22).

É possível ver aqui que estes comentaristas procuram propor como motivação da composição do Salmo um episódio de confronto da humildade de Davi com um desafiante soberbo, e nesta ótica haveria ainda outros episódios na vida de Davi que poderiam ser listados. A interpretação do confronto com o soberbo tem as suas razões, mas o salmo também poderia, e parece, ser apenas uma confissão de humildade e dependência diante do seu Deus, como parte de qualquer episódio em que interiormente Davi percebe sua pequenez diante da grandeza de Deus e de seu propósito para com ele, sem necessariamente envolver um opositor soberbo como contraponto. Nesta ótica, Davi estaria contemplando as coisas grandes e maravilhosas do propósito divino para com ele e, admirado, declararia não se considerar maior do que os outros nem buscar grandeza e honra para si mesmo. Por isso faz descansar sua alma, não na glória recebida, mas na esperança no Senhor.

Nessa interpretação pode-se propor vários outros episódios da vida de Davi que poderiam ter servido como motivação para a composição desta linda obra, como, por exemplo:

1. Após ser ungido rei por Samuel (1 Sm 16.1-13), quando o humilde pastor de ovelhas, surpreso e sem saber o que esperar do futuro, declara não ser soberbo, altivo ou ambicioso para desejar tal honra, mas acalma sua alma na confiança em Deus.
2. Após a vitória sobre Golias (1 Sm 17), ao refletir calmamente sobre o episódio, depois de baixada a adrenalina da batalha, recebidas as honras reais pela façanha alcançada que Davi sabia não ter sido por sua própria força ou poder naturais, mas simplesmente por conhecer e confiar no Senhor dos Exércitos.
3. Após ser coroado sobre todo Israel (2 Sm 5), quando a promessa de Deus se cumpriu e a autoridade do reino estava, finalmente, sobre a sua cabeça, Davi, em humildade, reconhece sua esperança somente em Deus.
4. Após receber a aliança com Deus (2 Sm 7). Davi, após trazer a Arca da Aliança para Jerusalém, resolve fazer um templo para o Senhor, e o Senhor em resposta, propõe algo muito maior do que o templo: uma aliança de reino eterno, que se cumpriria definitivamente em Jesus. Davi sabia que nem poderia imaginar coisas tão maravilhosas como estas e faz uma declaração muito semelhante ao salmo 131, citada em 2 Samuel 7.18-21.

O Salmo 131 é um cântico de confiança, uma oração que expressa confiança em Deus sem depender das circunstâncias externas (Longman III, 2023, p. 366), e pode ser organizado em três partes principais, sendo as duas primeiras uma oração dirigida ao Senhor, confessando sua confiança e dependência, e a terceira extrapola a experiência individual para o coletivo, em um convite para que todo o povo confie somente no Senhor.

2. NEGAÇÃO DA SOBERBA

Alguns comentaristas defendem que se trata de uma confissão de arrependimento, em que o salmista está deixando a condição de soberba e altivez, deixando de lado a busca por grandes coisas, conquistas materiais, disputas com os sábios de Israel e ambições exageradas (Champlin, 2018, p. 494). Esta percepção se

baseia em atitudes reveladas pelo salmista no versículo segundo, dizendo: “fiz calar e sossegar...”, e na ilustração da criança desmamada, que anteriormente tinha ansiedade nos braços de sua mãe em busca de leite, e agora não mais se preocupa e descansa. Porém, o conteúdo do salmo não é apresentado de forma a demonstrar uma mudança de atitude em relação a uma condição negativa anterior, e sim confessar sua confiança e dependência atual. A confissão do salmista e daqueles que recitam repetidas vezes o salmo não depende de uma condição anterior negativa.

Considerando a autoria Davídica do salmo, pode-se considerar que esta declaração diante de Deus de negação de soberba é sincera. Davi era um homem segundo o coração de Deus (At 13.22), e seu coração era confiante em Deus, não aspirando grandes coisas, deixando que o próprio Deus o colocasse em posições de autoridade e lhe desse riquezas e poder. Sua alma se agitava em algumas circunstâncias, e através de declarações como a deste salmo, Davi depositava sua confiança absoluta em Deus aquietando sua alma. Ao renunciar diante de Deus sua soberba, o salmista mostra de forma poética três dimensões da soberba que envolvem a alma, partindo do coração, passando pelo olhar e chegando às atitudes.

2.1 Não é soberbo o meu coração

Os soberbos enfrentam a resistência do próprio Deus, não estando aptos a receber a graça em suas variadas manifestações, como Tiago adverte em sua carta: “Antes, ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.” (Tg 4.6). Apenas aqueles que são humildes são capazes de receber graça. E ainda aos humildes e mansos, Jesus promete o reino dos céus e a terra como herança: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus... Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.” (Mt 5.3,5).

O soberbo é aquele que se basta e supera a si mesmo (Shokel & Carniti, 1998, p.1520), um espírito de independência que acredita ter tudo e por isso não é capaz de receber ensino, repreensão e nem as bençãos oriundas da graça através de Cristo. O próprio Davi declara em outro Salmo que seu coração é sincero em sua intimidade, em sua casa: “Atentarei sabiamente ao caminho da perfeição. Oh! Quando virás ter comigo? Portas à dentro, em minha casa, terei coração sincero.” (Sl 101.2). O próprio Deus dá testemunho atestando a fidelidade do coração de Davi: “...Davi, meu servo,

que guardou os meus mandamentos e andou após mim de todo o seu coração, para fazer somente o que parecia reto aos meus olhos" (1Rs 14.8).

2.2 Nem altivo o meu olhar

Nesse momento o salmista amplia a afirmação anterior que tratava apenas de sua intimidade e seu relacionamento com Deus, para o nível que afeta sua condição em relação as outras pessoas. O salmista declara que seu olhar não é altivo. O olhar altivo é aquele que se considera superior aos outros, que olha os outros com desprezo julgando ser mais capaz, importante ou merecedor. Os olhos altivos são incluídos na lista das sete coisas que o Senhor abomina (Pv 6.16-17).

O apóstolo Paulo em sua carta aos Filipenses esclarece que o olhar de seus leitores deve ser para os outros, considerando-os superiores a si mesmos, olhando não apenas as próprias coisas, mas especialmente o que é dos outros (Fp 2.3-4). Jesus, da mesma forma, orienta a sempre considerar que os outros são mais importantes, deixando para que se, de alguma forma, o cristão for exaltado, não seja ele mesmo a se colocar em posição superior, como ensina na parábola do banquete de casamento:

Reparando como os convidados escolhiam os primeiros lugares, propôs-lhes uma parábola: Quando por alguém foreis convidado para um casamento, não procures o primeiro lugar; para não suceder que, havendo um convidado mais digno do que tu, vindo aquele que te convidou e também a ele, te diga: Dá o lugar a este. Então, irás, envergonhado, ocupar o último lugar. Pelo contrário, quando foreis convidado, vai tomar o último lugar; para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, senta-te mais para cima. Ser-te-á isto uma honra diante de todos os mais convivas. Pois todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado (Lc 14.7-11).

Neste texto Jesus ainda anuncia uma promessa para aquele que se humilha diante dos outros e uma sentença àqueles que se exaltam diante dos outros. Todo aquele que se exalta será humilhado, cedo ou tarde, e todo aquele que se humilha será exaltado. Os humildes são aqueles que não pensam de si mesmo mais do que convém (Rm 12.3), e, segundo Henry, não estão apaixonados por sua própria sombra, nem exaltam suas próprias realizações e conquistas (Henry, 1706, SI 131).

2.3 Não ando à procura de grandes coisas, nem de coisas maravilhosas demais para mim

Após declarar não ser soberbo em seu íntimo e ampliar a declaração para o relacionamento com as outras pessoas, o salmista passa a falar sobre as coisas grandes, sonhos pessoais, cargos, posições de autoridade, realizações, conquistas e conhecimentos elevados. Com poesia e beleza o salmista inicia o Salmo 131 falando do coração, passa pelo olhar e agora fala de atitudes (andar). De forma semelhante, o apóstolo João orienta a não amar o mundo, definido em seguida ao que ele se refere como mundo: “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (1Jo 2.16).

O salmista declara não procurar essas coisas. Agostinho amplia o texto dizendo: “não quis fazer-me conhecido entre os homens por maravilhas” (Agostinho, 1998, p. 725). Embora não seja possível afirmar as circunstâncias nas quais o salmo foi escrito, observar a vida de Davi ajuda a entender do que se tratam coisas grandes e maravilhosas. Davi passou de um humilde pastor de ovelhas a rei de uma nação, ainda jovem venceu e matou o gigante que fazia tremer o exército de Israel, como rei, assumiu um reino fraco e dividido e o transformou em um poderoso reino mundialmente conhecido, quanto às promessas de Deus para seu povo, pela primeira vez desde a entrada em Canaã, a terra prometida foi plenamente conquistada, seus descendentes que reinaram foram poupadados de juízo divino “por amor a Davi” e ainda foi escolhido por Deus para que de sua semente nascesse o Rei dos Reis, que foi chamado Filho de Deus e também Filho de Davi.

A expressão “grandes coisas” fica mais significativa e a expressão “maravilhosas demais” passa a ter um significado ainda mais forte quando se considera as conquistas de Davi e as honras ao seu nome por toda a história. Aquele que não buscava grandeza recebeu, o que não andava atrás de maravilhas, este foi honrado de forma maravilhosa.

Em Davi pode-se ver que a soberba não está em se alcançar conquistas e realizações, pois estas fazem parte dos planos e propósitos de Deus sobre a terra, mas no “andar à procura” de glória, honra e conquistas para si mesmo. Jesus adverte que aquele que procura a própria glória, e não a glória de Deus, nem é capaz de crer: “Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?” (Jo 5.44).

Transportando este pensamento para o contexto neotestamentário pode-se constatar que as coisas espirituais (os dons, manifestações de poder do Espírito, os

milagres, o poder sobre demônios, etc) são “coisas maravilhosas demais para mim”. Um cristão nunca terá em si mesmo poder para operar tais coisas, e esta não deve ser a sua ambição. Jesus falou aos discípulos que estavam maravilhados com a manifestação do poder de Deus através deles para expulsar demônios: “alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus.” (Lc 10.20). Simão, o magico, desejou obter coisas maravilhosas demais para ele, e, cego por seu desejo, tentou comprar o poder de ministrar o Espírito Santo às pessoas:

Vendo, porém, Simão que, pelo fato de imporem os apóstolos as mãos, era concedido o Espírito [Santo], ofereceu-lhes dinheiro, propondo: Concede-me também a mim este poder, para que aquele sobre quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo. Pedro, porém, lhe respondeu: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir, por meio dele, o dom de Deus (At 8.18-20).

Jesus Cristo apresenta de forma simples e direta uma afirmação que leva a alma à obrigatória conclusão de dependência total: “Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.” (Jo 15.5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma análise mais aprofundada deste pequeno, e profundo versículo, pode-se voltar à perguntas inicial: “Faz sentido uma pessoa declarar, como o salmista, que não é soberba, nem altiva e nem tem ambição egoísta, ou a declaração por si mesma já seria falta de humildade?”

O salmo 131 é uma confissão da identidade verdadeira acima de circunstâncias e sentimentos. Ao confessar diante de Deus que não é soberbo, nem altivo e nem tem ambição egoísta, mesmo em momentos que sente a alma agitada, a pessoa está obrigando a sua alma a se conformar com a verdadeira identidade.

Trazendo este texto para o contexto do Novo Testamento em que “se alguém está em Cristo, é nova criatura” (2Co 5.17) pode-se entender que a realidade da nova criação é perfeita em sua identidade em Cristo, em humildade e confiança. Porém existem momentos em que a alma se inclina para as coisas do mundo: a concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba da vida (1 Jo 2.16). A forma de combater esta inclinação e voltar para a inclinação ao Espírito não é afirmindo e exaltando o pecado e sim declarando a verdadeira identidade em Cristo

revelada na Palavra de Deus. A confissão que leva a alma a se moldar, não aos padrões desse mundo, mas a se transformar e renovar a mente (Rm 12.2), é a declaração da Palavra de Deus, como a do Salmo 131.

“Jesus tornou possível para Deus não só justificar o homem, mas também recriá-lo perfeitamente. Com base nisso o homem [...] tem o direito de estar em Sua presença como se nunca tivesse pecado” (Kenyon, 2020, p. 36). A Escritura Sagrada revela a nova identidade daquele que recebe a Jesus. Ao meditar, declarar e confessar esta identidade repetidas vezes, a alma passa a se deixar moldar e ter as atitudes coerentes com a sua nova e real identidade.

Mesmo ao ver orgulho e ambição egoísta em seu coração, o cristão pode declarar em verdade diante de Deus que não é ansioso, não é orgulhoso e nem egoísta. Da mesma forma que pode declarar que não há condenação sobre a sua vida pois está em Cristo Jesus (Rm 8.1), mesmo quando vê no homem natural motivos para sua condenação. A verdadeira identidade na nova criação não está naquilo que a pessoa vê, mas na obra de Cristo por mim (2 Co 5.7). Ao fazer esse tipo de declaração está confessando ser verdade a Palavra de Deus, recebendo a perfeita obra de Cristo e submetendo a alma à obediência à Palavra.

REFERENCIAS

Agostinho, B. H. **Comentário aos Salmos:** Salmos 101-150. São Paulo: Paulus, 1998.

Bíblia, Sagrada. Almeida Revista e Atualizada (ARA). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

Bullock, C. H. **Salmos:** 73-150. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2023. Vol 2.

Champlin, R. N. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo.** 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. Vol. 4.

Davidson, F. **O novo comentário da Bíblia.** Tradução de Russel P. Shedd. São Paulo: Imprensa da Fé, 1979. Vol. 2.

Henry, Matthew. **Henry's Commentary on the Whole Bible.** Hendrickson Publishers, 1706.

Kenyon, E. W. **Dois tipos de Justiça.** Tradução de C. Bezzan. Campina Grande: Rhema Brasil, 2020.

Longman III, T. **O temor do Senhor é sabedoria.** Tradução de S. F. Jr., Eusébio: Peregrino, 2023.

Shokel, L. A., & Carniti, C. **Salmos II:** tradução, introdução e comentário. Tradução de J. R. Costa. São Paulo: Paulus, 1998.